

Com a desculpa de evitar «exageros», mantivemo-nos demasiadas vezes abaixo dos níveis mínimos. Com a louca esperança de favorecer o ecumenismo, julgou-se reunir a Família dos filhos de Deus, pondo de parte a Mãe da Igreja, isto é, a pessoa que recebeu da Santíssima Trindade a missão de «constituir» a família.

A porta abriu-se; mas foi empregada mais para deixar entrar influxos heterodoxos entre os católicos do que para levar a que participem dos Tesouros, possuídos pela única verdadeira Igreja, os irmãos que deles estão privados.

Felizmente Jesus, também na pessoa dos seus Vigários, vigiou para que a barca não sofresse demasiados reveses com a tempestade. Agora nota-se já o reflorescer da devoção mariana. Também o Movimento Sacerdotal Mariano deve empenhar-se, não com iniciativas clamorosas mas com zelo discreto e tenaz, em fazer que este amor à Mãe de Jesus e de cada um de nós, se robusteça sobre as raízes da verdade, da oração e do sacrifício, que vê em Maria o modelo e o apoio para cada um subir o próprio Calvário. Esta tarefa procura o Movimento cumpri-la através dos Cenáculos dos leigos e de folhas de doutrinação.

Difusão do Movimento

Não é fácil, dada a autonomia que se deixa aos centros nacionais, redigir um quadro exacto do valor numérico. Não é de grande importância, pois estamos diante dum «espírito» que foge às verificações externas e se realiza na medida em que todos os Sacerdotes, que a ele aderiram, procuram viver cada dia a sua Consagração a Maria.

De qualquer modo, foi rápida e capilar a difusão do Movimento. Isso se verificou já em Fátima no Cenáculo que aí se realizou de 1 a 7 de Julho de 1979. Em escassos 7 anos, o Movimento já se havia difundido em 35 países, dos cinco continentes, aí representados por cerca de 450 Sacerdotes.

Segundo as cartas de inscrição, os membros seriam agora mais de 39.000 Sacerdotes e algumas centenas de Bispos. Quanto às Religiosas e aos Leigos, não havendo inscrição propriamente dita, não se pode indicar o número nem sequer aproximado, embora se eleve à cifra dos milhões.

Com um verdadeiro acto de fé na Comunhão dos Santos, devem ser recordados, como membros ainda activos e o mais possível próximos de nós, aquela falange luminosa de cerca de cinco mil sacerdotes de todas as línguas e de todos os continentes que já chegaram ao Paraíso.

É agradável verificar entre eles alguns Bispos e Cardeais, tendo sido o primeiro entre estes a inscrever-se no Movimento o Cardeal Tiago Lercaro, então Arcebispo de Bolonha.

Da marcha do Movimento, hoje, dá-nos conta a Circular n.º 25, de 11 de Fevereiro do corrente ano, aniversário das Aparições de Lourdes, a qual pode ser solicitada conforme o endereço que abaixo se vai indicar.

Como fazer parte do Movimento Sacerdotal Mariano

Quem desejar fazer parte do Movimento e ser depois informado sobre a sua actividade mandará por escrito a sua adesão ao Centro Nacional do Movimento Sacerdotal Mariano — Casa das Secvas de Maria «Reparadoras», Rua do Coração de Maria, 24 — 2495 Fátima. O pedido de inscrição também pode ser enviado para o Movimento Sacerdotal Mariano, Via Mercalli, 23, 20122 Milão.

A carta de adesão de nada serviria se faltasse a adesão interior e mais ainda a vontade constante de viver e fazer viver a devoção a Nossa Senhora. A exigência de total consagração ao Coração Imaculado de Maria dá-nos a nós, Sacerdotes, profundo sentido de confiança e serenidade. Acreditar que, nas circunstâncias concretas, Nossa Senhora está sempre perto de nós, ansiosa de nos ajudar, como faria, e melhor do que faria, qualquer mãe, produz sensação de segurança, mesmo entre os sofrimentos pessoais e as incertezas das horas presentes.

Chega-se ao núcleo da Mensagem do Evangelho. O passado fica pertencendo à misericórdia ilimitada do Coração de Jesus; o futuro é esperado como dom da Providência que nos chegará através das mãos da Medianeira de todas as graças; e o presente é vivido com alegre esforço, como de crianças que brincam, ou que «trabalham», debaixo dos olhares da Mãe.

Gustate et videte

NO 10.º ANIVERSÁRIO DA MORTE DO SERVO DE DEUS MONS. JOSEMARÍA ESCRIVÁ DE BALAGUER

Completaram-se no dia 26 de Junho dez anos sobre a data da partida para a eternidade do Fundador do Opus Dei, o Servo de Deus Josemaría Escrivá de Balaguer.

Fora, na verdade, às 12 horas do dia 26 de Junho de 1975, quando entrava no gabinete de trabalho, depois de ter dirigido o seu olhar para um quadro de Nossa Senhora de Guadalupe, gesto que sempre acompanhava dum jactatória, que o Padre, como lhe chamavam carinhosamente as suas filhas e filhos, cerrara os olhos para a luz deste mundo.

Na sua laboriosa vida tivera como lema «ocultar-se e desaparecer». Dificilmente, porém, se encontrará na história da Igreja uma pessoa sobre a qual se tenha escrito tanto, em tão reduzido espaço de tempo a seguir à sua morte. Com efeito, são já quatro as biografias publicadas, e todas com respeitável volume: 2 em castelhano, 1 em francês e 1 em alemão. Está traduzida na língua de Camões uma delas: Apontamentos sobre a vida de Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer, Fundador do Opus Dei.

A Família sobrenatural que o Senhor lhe encomendou que fundasse, naquele 2 de Outubro de 1928, estava já presente, no momento da sua partida para o Céu, em numerosas nações. A causa da sua beatificação foi introduzida em 1981.

Como vem acontecendo todos os anos, a data foi assinalada com Missas de sufragio em muitas localidades. Em Portugal foram celebradas: na igreja da Ordem da Trindade, no Porto, concelebração presidida por D. João Miranda, Bispo Auxiliar desta Diocese; e na igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, por Sua Eminência o senhor D. António Ribeiro, Cardeal Patriarca, com a presença do senhor Núncio Apostólico, Monsenhor Salvatore Asta.

Gostosamente oferecemos aos leitores a homília que o senhor Cardeal Patriarca proferiu no momento próprio.

Apresentamos, em segundo lugar, um artigo sobre o Servo de Deus, da autoria do actual Prelado do Opus Dei, Monsenhor Alvaro del Portillo, publicado no dia 26 de Janeiro findo em L'Osservatore Romano.

HOMILIA

1. Estamos hoje reunidos, em celebração eucarística, para recordarmos e revivermos, na fé da comunhão da Igreja, um facto que não podia ser-nos indiferente. Trata-se do décimo aniversário do passamento do Servo de Deus, Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer, fundador do Opus Dei.

Na verdade, foi há dez anos — exactamente no dia 26 de Junho de 1975 — que Mons. Escrivá consumou a sua páscoa, a sua passagem ao Pai, quando um repentino ataque cardíaco lhe pôs fim à vida terrena. Por isso, estamos agora aqui, Queremos oferecer, por sua intenção, o Santo Sacrifício Eucarístico de Cristo e da Igreja, acto sagrado cujos méritos redentores, se já não lhe servirem, como confiadamente esperamos, há-de reverter em benefício nosso e do mundo inteiro. Queremos principalmente, à luz da Palavra divina proclamada, meditar no exemplo de vida cristã, que o Servo de Deus nos legou.

A transcendência e a encarnação

2. A Palavra da Escritura, lida sobre o acontecimento da morte de um cristão (que um dia será também a nossa própria morte), fala-nos de esperança e de confiança em Deus. Por entre as tribulações da vida terrena, e mesmo no limite de quanto, aos olhos do mundo, surge como a sua destruição completa, brilha para o crente a esperança da feliz imortalidade, ergue-se a confiança no Deus vivo e redentor do homem.

Já assim o percebia o velho Job, quando exclamava no meio das suas angústias: «Eu sei que o meu Defensor está vivo... Sob a minha pele, ficarei de pé e, com a minha carne, verei a Deus. Eu próprio hei-de vê-Lo» (Job 19,25-27). Mas compreendia-o, sobretudo, o Apóstolo S. Paulo para quem «os sofrimentos do tempo actual não têm comparação com a glória que há-de manifestar-se em nós» (Rom 8,18).

Esta certeza de fé, que projecta a vida para lá da morte, esta adesão total a Deus, que é princípio e plenitude da existência do homem, esta aceitação aberta

do Além, que lança pontes entre o tempo e a eternidade, e preenche de sentido os espaços vazios do humano, constitui algo de absolutamente necessário ao nosso mundo contemporâneo. Não deixa de impressionar o número daqueles que, mesmo dizendo-se cristãos, declaram, nas sondagens de opinião pública, prescindir da afirmação das realidades ultra-terrenas, quando não chegam até à sua negação explícita. Ora, um cristianismo sem escatologia será sempre um cristianismo essencialmente mutilado, deformado e reduzido. Tal como a encarnação é congénita à fé cristã, assim também a transcendência lhe é intrínseca. E não é menos grave acentuar unilateralmente qualquer destas dimensões, com prejuízo da outra.

Se a Palavra divina de hoje nos fala de transcendência, também sublinha, de modo bem incisivo, a linha da encarnação. E já, na vida presente, que somos filhos de Deus — declara o Apóstolo S. Paulo. E, desde agora, que podemos chamar a Deus nosso Pai, porque recebemos o Espírito de adopção, pelo qual nos tornamos livres em Cristo e herdeiros, com Ele, da glória eterna. Ser cristão é unir, no tempo, o humano e o divino; é estar no mundo, com raízes simultaneamente lançadas para a terra e para o céu; é pertencer ao Reino de Deus, aqui inaugurado por Jesus Cristo, e tender, a cada instante, para a plenitude desse mesmo Reino, ainda não alcançada.

A própria criação universal já foi redimida em começo, pelo fulgor da graça de Cristo, que nela brilhou, ao estabelecer morada no coração do homem. Mas, por outra parte, espera ainda a redenção plena, sujeita por agora às dores da maternidade, até àquele dia em que Cristo será tudo em todos. Ser cristão é trabalhar, com denodo, pela difusão do Reino de Cristo; é inserir-se, à maneira de fermento, nas realidades temporais do mundo, para as libertar da vã sujeição efémera, que ainda as escraviza e as desvia do verdadeiro serviço prestado ao homem, numa correcta relação com Deus.

A santidade na vida quotidiana

3. Estas verdades fundamentais do Reino, acessíveis apenas aos pequeninos do Evangelho (cf. Mt 11,25), conheceu-as e viveu-as Mons. Escrivá, com notável intensidade.

De facto, Mons. Escrivá não se cansava jamais de inculcar a necessidade de uma vida totalmente centrada em Deus: *A vida cristã* — dizia ele certa vez — *deve ser de oração constante, procurando estar na presença do Senhor, de manhã à noite e da noite à manhã. O cristão nunca é um homem solitário, posto que vive numa intimidade com Deus, que está junto de nós e no Céu.* Por isso, ele considerava o espírito de filiação divina como fundamento sólido de progresso espiritual: o homem que tem consciência clara de ser filho de Deus só pode viver dentro da relação filial com o Senhor que nos ama infinitamente. E, por isso ainda, propunha a todos a Santa Missa, memorial do amor de Deus manifestado em Cristo, como centro e raiz da vida cristã.

Muito antes do Concílio, já Mons. Escrivá pregava a santidade como vocação comum de todos os cristãos e falava do trabalho profissional como instrumento e matéria de santificação de cada um. *A vocação cristã — afirmava ele — consiste em fazer poesia heroica da prosa de cada dia. E aos membros do Opus Dei explicava assim este pensamento: Não entenderia a nossa vocação quem pensasse que a nossa vida sobrenatural se edifica de costas voltadas para o trabalho, porque o trabalho é para nós um meio específico de santidade. A nossa vida inteira — contemplativa no meio da rua — toma, como ponto de partida e como estímulo, a própria vida externa de cada um. Não fazemos nenhuma separação entre a nossa vida interior e o nosso trabalho apostólico; é tudo uma mesma coisa. A actividade externa não há-de causar nenhuma interrupção na oração, como o bater do coração no interrompe as nossas actividades, sejam quais forem...*

Nesta unidade vital entre o humano e o divino, nesta recusa a aceitar uma separação entre vida interior e trabalho apostólico, reside certamente um dos maiores méritos da espiritualidade de Mons. Escrivá e do seu caminho de perfeição. Aqui, elimina-se pela base aquilo que, tantas vezes, tem sido denunciado como um dos maiores males do nosso tempo: o divórcio entre a fé e a vida quotidiana, entre o cristianismo e a cultura, entre o sagrado e o profano.

O amor apaixonado à Igreja

4. Esta perspectiva unificante da espiritualidade do servo de Deus, Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer, nutria-se de um amor apaixonado pela Santa Igreja, à qual inteiramente se doou.

E é de notar que a Igreja amada por Mons. Escrivá era a Igreja concreta, aquela que em cada diocese está confiada ao cuidado pastoral do Bispo próprio, aquela que, no plano mundial, tem o seu centro de comunhão e o seu princípio de unidade no Romano Pontífice. Escrevia ele, certa vez, a este propósito: Considero-me o último dos sacerdotes da terra, mas ao mesmo tempo queria que ninguém me levasse a palma em amar e servir a Igreja e o Papa, porque este é o espírito que recebi de Deus, e que trato, com todas as minhas forças, de transmitir a cada um dos meus filhos em todo o mundo... A única ambição, o único desejo do Opus Dei e de cada um dos seus filhos é servir a Igreja como ela quer ser servida, dentro da vocação que o Senhor nos deu.

Quem ama assim a Igreja encontra necessariamente nela a cruz, fora da qual não há salvação. Encontrou-a, de vários modos, Mons. Escrivá ao longo da sua vida terrena, mas jamais se furtou a abraçá-la com amor, sempre seguro, como S. Paulo, de que «os sofrimentos do tempo actual não têm comparação com a glória que há-de manifestar-se em nós».

Ao celebrarmos hoje o décimo aniversário da morte de Mons. Escrivá, esperamos confiadamente que já sobre ele tenha brilhado a glória reservada por Deus aos seus eleitos. Se for do agrado divino, que brilhe também um dia — assim humildemente pedimos ao Senhor — o fulgor da sua santidade sobre toda a Igreja.

AS PROFUNDAS RAÍZES DUMA MENSAGEM

por Mons. Alvaro del Portillo

Os chamados homens práticos não são os mais úteis à Igreja de Jesus, como também não o são os meros corifeus de teorias, mas sim os verdadeiros contemplativos, que possuem uma paixão lucidíssima e incansável: divinizar e transfigurar em Cristo e com Cristo toda a realidade criada. Não é paradoxal, portanto, afirmar que só a mística é verdadeiramente prática na Igreja de Jesus.

«Servir a Igreja sem servir-se dela», «Servir a Igreja como a Igreja quer ser servida»; foi esta a «paixão dominante» do Servo de Deus Josemaría Escrivá de Balaguer. O décimo aniversário do seu falecimento sugere-me estas considerações, que pretendem ser um sentido acto de gratidão filial e, ao mesmo tempo, a recordação — dirigida sobretudo a mim próprio — duma lição de fidelidade à Igreja, cheia de frutos que estão à vista de todos, e que testemunham que só quem procura o «éxtase», o sair para fora de si mesmo, gastando-se exclusivamente ao serviço de Deus e das almas, alcança a autêntica fecundidade de espírito.

O anelo do fundador do Opus Dei ficou esculpido num lema de ressonâncias hieráldicas: «Para servir, servir». Isto é, para sermos úteis, é preciso ter um espírito de serviço e demonstrá-lo com obras. A única honra que desejou sempre foi a de servir a Igreja; o direito de renunciar a todo o direito que não fosse o de se oferecer num holocausto contínuo de oração e de trabalho.

Somente serve o instrumento que, por muito modesto que seja, sabe tornar-se adequado ao fim. «Primeiro oração; depois, expiação; em terceiro lugar, muito em 'terceiro lugar', acção», escreve Mons. Escrivá de Balaguer (*Caminho*, n. 82). E precisamente esta imersão da contemplação na vida quotidiana, a busca constante da intimidade divina dentro do denso tecido do trabalho secular — característica principal da ascética do Opus Dei, que o servo de Deus gravou a fogo — é o que dá razão da sua pragmatidade.

Para o fundador do Opus Dei, pioneiro da espiritualidade laical, o primeiro efeito da presença de Deus no âmbito laboral é o melhoramento da qualidade — também técnica — do próprio trabalho. Se há-de ser serviço vivo e concreto ao Corpo vivo de Cristo, há-de estar, antes de tudo, bem realizado: a improvisação, a frivolidade, o desleixo, o adiamento, não-de repudiar-se sem medida, porque rebaixam a dignidade do serviço no que se concretiza toda a actividade laboral.

A finalidade sobrenatural não é, portanto, como um selo que adere externamente ao trabalho do homem e que transporta a mercadoria — se ou avariada — ao seu destino sem ao menos a tocar, sem incidir na sua qualidade intrínseca. A contemplação corrige a acção todas as vezes que ela não atinge o nível da dignidade da pessoa humana ou da dignidade — ainda maior — dos filhos de Deus, ou quando não serve para a edificação do povo de Deus.